

Diálogo entre saberes: uma reflexão sobre as contribuições da História da Arte para o ensino do Jornalismo¹

Dialogue between knowledges:
a discussion about the contributions
of the History of Art to the
teaching of Journalism

Diálogo entre saberes:
una reflexión sobre las contribuciones
de la Historia del Arte para la
enseñanza del Periodismo

Recebido em: 01/06/2019
Aceito em: 05/12/2019

RESUMO

Considerando que o diálogo entre os fazeres e conhecimentos jornalísticos e artísticos contribuem para a formação profissional do jornalista, tanto na construção de repertório intelectual quanto no desenvolvimento da criatividade e de habilidades técnicas, o objetivo deste artigo é compreender a inserção da arte nas matrizes curriculares dos cursos de Jornalismo, em especial, a partir das novas Diretrizes Curriculares Nacionais. Para isto, busca analisar o oferecimento de disciplinas com foco em História da Arte, considerando a abordagem proposta e o referencial indicado nos planos de ensino disponibilizados nos PPP's de cursos de instituições públicas e privadas de diferentes regiões do país.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino do Jornalismo. História da Arte. Diretrizes Curriculares Nacionais.

ABSTRACT

Considering that the dialogue between journalistic and artistic practices and knowledges contributes to the journalist's professional training, both in the construction of intellectual repertoire and in the development of creativity and technical skills, the objective of this article is to understand the insertion of art in the curriculum design of the Journalism courses, especially, from the new National Curricular Guidelines. For this, it seeks to analyze the offering of disciplines focused on History of Art, considering the proposed approach and the referential indicated in the syllabus made available in the PPP's of public and private institutions of different regions of the country.

KEYWORDS

Teaching of Journalism. History of Art. National Curricular Guidelines.

RESUMEN

Considerando que el diálogo entre las prácticas y conocimientos periodísticos y artísticos contribuyen para la formación profesional del periodista, tanto en la construcción del repertorio intelectual cuanto en el desarrollo de la creatividad y habilidades técnicas, el objetivo del presente artículo es comprender la inserción del arte en los programas curriculares de los grados en Periodismo, en especial, a partir de las Directrices Curriculares Nacionales. Para esto, se analiza el ofrecimiento de materias con foco en Historia del Arte, considerando el abordaje propuesto y el referencial indicado en los planes de estudios disponibles en los PPP's de las carreras de instituciones públicas y privadas de diferentes regiones del país.

PALABRAS CLAVE

Enseñanza de Periodismo. Historia del Arte. Directrices Curriculares Nacionales.



Ingrid Pereira de Assis

Doutoranda em Jornalismo (PPGJOR/
UFSC)
ingrid.p.assis@hotmail.com

Juliana Cristina Gobbi Betti

Doutoranda em Jornalismo (PPGJOR/
UFSC)
jugobbibetti@gmail.com

Macelle Khouri Santos

Doutoranda em Ciências Humanas (PPGICH/
UFSC) e professora da Universidade Esta-
dual do Sudoeste da Bahia (UESB)
macellekhouri@gmail.com

José Ferreira Júnior

Doutor e professor da Universidade Federal
do Maranhão (UFMA)
jferr@uol.com.br

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

1 INTRODUÇÃO

Como o jornalismo, a arte compõe a tessitura das manifestações culturais, constituindo-se de maneira indissociável do cotidiano e podendo ser, também, entendida como uma forma de retratá-lo, salvaguardadas as particularidades de cada expressão. Ao longo da história, o diálogo entre os fazeres jornalístico e artístico se configurou tanto na forma quanto no conteúdo de diferentes produções em ambas as áreas. A charge, o documentário, as histórias em quadrinhos e as narrativas em estilo literário exemplificam algumas possibilidades de intersecção dessas práticas e conhecimentos que integram o rol de formatos mais comumente apropriados pelo jornalismo.

No entanto, a discussão sobre o papel da arte na formação dos futuros profissionais ainda é bastante tangencial, inclusive nos fóruns de ensino, ficando, normalmente, restrita aos aportes técnicos e conceituais em disciplinas específicas, como a fotografia. Deste modo, analisando a inserção da arte nas matrizes curriculares dos cursos de Jornalismo, em especial, a partir do cenário de adequação dos projetos político-pedagógicos (PPP's) às Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para o curso de Jornalismo, esse artigo busca identificar questões e dados que possam contribuir para subsidiar o debate. Assim, fundamenta-se nas recomendações das DCN's, mantendo o foco no eixo humanístico, mas sem perder de vista a potencialidade do conhecimento sobre História da Arte para o desenvolvimento de competências de âmbito geral, cognitivo e pragmático mais diretamente ligadas aos outros eixos.

Seguindo procedimentos utilizados em outras pesquisas que seguem a mesma linha de análise (MEDITSCH et al., 2018), na definição dos cursos, optou-se pela utilização de uma amostragem por conveniência, tendo como parâmetros básicos a menção à História da Arte e a possibilidade de acesso aos projetos político-pedagógicos. Almejando ampliar a representatividade, incluíram-se cursos de instituições públicas e privadas, de diferentes regiões brasileiras. As instituições selecionadas foram: Universidade Ceuma (MA), Faculdade Cásper Líbero (SP), Universidade Federal de Roraima (RR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS). A análise de cada caso parte das referências estabelecidas pelas novas diretrizes para compreender de que forma este conteúdo está sendo proposto dentro dos cursos de Jornalismo.

32

2 O LUGAR DA ARTE NAS NOVAS DIRETRIZES

Em 2013, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Jornalismo, desvinculando-o das Diretrizes Curriculares Nacionais para a área de Comunicação Social e suas habilitações, estabelecendo um prazo de dois anos para que as instituições de ensino superior adequassem seus respectivos cursos às novas exigências e recomendações. Em processo similar ao de outras áreas, como a de Cinema e Audiovisual e a de Relações Públicas, o objetivo central das novas DCN's foi valorizar, sobretudo, as especificidades da profissão em um cenário de transformações tecnológicas e sociais, rediscutindo os paradigmas para a formação profissional. No caso do Jornalismo, por exemplo, as mudanças requeridas abrem "mais espaço para a perspectiva das ciências aplicadas, sem excluir a perspectiva das ciências humanas, que continuará presente" (MEDITSCH, 2015, p. 26).

As DCN's inserem a arte e sua perspectiva histórica no eixo de fundamentação humanística, com a literatura, a ciência e a tecnologia. Este eixo se caracteriza pelo enfoque na formação intelectual do jornalista, objetivando que ele possa desempenhar sua função como produtor e difusor de informações e conhecimentos. Ainda, destaca a necessidade de privilegiar a realidade brasileira, as singularidades locais e o interesse para a cidadania, como indica sua descrição:

I - Eixo de fundamentação humanística, cujo objetivo é capacitar o jornalista para exercer a sua **função intelectual de produtor e difusor de informações e conhecimentos de interesse para a cidadania**, privilegiando a realidade brasileira, como formação histórica, estrutura jurídica e instituições políticas contemporâneas; sua geografia humana e economia política; suas raízes étnicas, regiões ecológicas, **cultura popular, crenças e tradições; arte, literatura**, ciência, tecnologia, bem como os fatores essenciais para o fortalecimento da democracia, entre eles as relações internacionais, a **diversidade cultural**, os direitos individuais e coletivos; as políticas públicas, o desenvolvimento sustentável, as oportunidades de esportes, lazer e entretenimento e o **acesso aos bens culturais da humanidade**, sem se descuidar dos processos de globalização, regionalização e das singularidades locais, comunitárias e da vida cotidiana. (BRASIL, 2013, p. 4, grifo nosso)

Neste sentido, a formação humanística busca estimular determinadas competências nos estudantes. Entre aquelas mais diretamente vinculadas ao estudo de História da Arte, destacamos as competências gerais:

- a) compreender e valorizar, como conquistas históricas da cidadania e indicadores de um estágio avançado de civilização, em processo constante de riscos e aperfeiçoamento: o regime democrático, o pluralismo de ideias e de opiniões, a cultura da paz, os direitos humanos, as liberdades públicas, a justiça social e o desenvolvimento sustentável;
- b) conhecer, em sua unicidade e complexidade intrínsecas, **a história, a cultura e a realidade social**, econômica e política brasileira, considerando especialmente a diversidade regional, os contextos latino-americano e ibero-americano, o eixo sul-sul e o processo de internacionalização da produção jornalística;
- c) e cultivar a curiosidade sobre os mais diversos assuntos e a humildade em relação ao conhecimento. (BRASIL, 2013, p. 3, grifo nosso)

A compreensão sobre o ensino da arte, que ampara a seleção de tais itens, advém da percepção da arte-educadora Ana Mae Barbosa² (1989), para quem, este conhecimento contribui para a formação integral do indivíduo, atuando, por exemplo, no desenvolvimento da percepção e da capacidade de interpretação do mundo. Neste sentido, Barbosa (BATISTTI et al., 2016, p. 347) ressalta a importância da arte tanto para a construção da subjetividade quanto para a práxis de diferentes profissões, afirmando que

² Evidencia-se, no entanto, a crítica de Barbosa (1975, p. 17) com relação ao que ela vai denominar "intelectualismo exagerado" ao comentar que muitas universidades permitiram o ensino de História da Arte, mas não a criação de cursos de atelier em seus currículos formais por não entenderem que "a produção artística pudesse proporcionar um treino intelectual equivalente ao cálculo ou à lógica".

[...] é a área de artes que desenvolve especificamente a percepção, essa que ele vai usar nas outras áreas, por isso é importante para as outras áreas. Atualmente todas as áreas estão usando imagem como elemento facilitador do conhecimento ou para valorizar a imaginação. Ler as imagens leva a fazer descobertas através delas, entendeu? Tirar conclusões e interpretar as imagens de uma maneira melhor é importante para qualquer pessoa. Para qualquer área do conhecimento é importante interpretar. Se você criar o hábito de interpretar imagens da Arte vai refletir depois em qualquer área. [...] Através de uma boa aprendizagem de Arte que inclua o fazer, a leitura de imagens e contextualização você está preparado para interpretar todas as imagens, a imagem da televisão, a imagem do vídeo, a imagem do cinema, e para botar uma imagem em movimento também.

Deste modo, no presente estudo, entende-se que a importância de conhecer a história da arte vai além do conhecimento teórico direcionado para a cobertura especializada em jornalismo cultural, assume-se que a ampliação deste referencial pode contribuir, entre outras coisas, com o desenvolvimento de habilidades perceptivas e a sensibilidade estética dos futuros profissionais, bem como com sua forma de olhar a realidade. Além disso, tal conhecimento agrega repertório para a produção de formatos que possuem um viés artístico, como os que foram anteriormente mencionados, e possibilitam uma base mais sólida para discussões acerca de perspectivas teóricas da área de comunicação como um todo, que estão intimamente relacionadas à arte, como poderá ser visto mais à frente.

Com base nas novas diretrizes, defende-se que o ensino de História da Arte em um curso de Jornalismo é fundamental para a formação de um profissional crítico, que conheça e tenha discernimento a respeito do desenvolvimento histórico, cultural e social do local em que atua. Além disso, tais conhecimentos instigam a curiosidade e aguçam a criatividade deste profissional, que se relacionará, diariamente, com assuntos diversificados, podendo cumprir, assim, com mais qualidade a sua função enquanto produtor e difusor intelectual.

34

3 DIÁLOGOS ENTRE COMUNICAÇÃO E ARTE

Em busca de um aprofundamento sobre as artes e de uma sistematização que facilite compreender seus desdobramentos, parte-se para ordenamentos que agreguem obras, movimentos, artistas, de forma a estabelecer classificações estilísticas. "A ideia de estilo está ligada à ideia de recorrência, de constantes" (COLI, 2013, p. 27). Ainda que tais definições sejam artifícios mais ou menos arbitrários, tendo em vista que um mesmo artista pode, por exemplo, flunar por diferentes técnicas e movimentos, as artes produzidas não deixam de oferecer uma leitura de mundo, um contexto, contado por meio de sua história. Para Nelson Goodman (1976), as artes são modos de obtenção de conhecimento e a Estética, ou Filosofia da Arte, tem como finalidade explicar de que modo se obtém esse conhecimento. Pensando assim, as obras de arte não se destinam apenas à contemplação, fruição ou adoração, mas, também, proporcionam conhecimento das coisas.

É enquanto um modo de conhecimento que as artes se aproximam da comunicação e do jornalismo. Não à toa, textos basilares da área, voltam-se a pensar as mídias, ou, na perspectiva da época, os meios de comunicação de massa, e seus de-

envolvimentos de forma articulada com a arte. Relembra-se o termo Indústria Cultural, que ganha destaque com a publicação do livro *Dialética do Esclarecimento*, em 1947. A publicação foi elaborada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, da Escola de Frankfurt, uma das principais vertentes de reflexões acerca da comunicação. Neste livro, os autores denunciam a “crise da razão” e do Iluminismo, por causa do modo de produção industrial e da corrida armamentista, promovida pela indústria bélica. Também, criticam a qualidade das produções realizadas para o cinema, a televisão e o rádio, que para eles em nada se assemelhavam à arte.

Sob o poder do monopólio, toda cultura de massas é idêntica, e seu esqueleto, a ossatura conceitual fabricada por aquele, começa a se delinear. Os dirigentes não estão mais sequer muito interessados em encobri-lo, seu poder se fortalece quanto mais brutalmente ele se confessa de público. O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade de que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 114)

Além disso, para os teóricos, a utilização da “técnica” na produção e reprodução das artes, em particular aquelas associadas à comunicação social (cinema, rádio, televisão e imprensa), demonstra que, na sociedade industrial capitalista, a produção da arte é explorada como um “bem cultural”. Eles afirmam que há uma mercantilização da cultura, que é transformada em empreendimento empresarial e, como consequência, todos se tornam meros consumidores de bens culturais.

35

O que é novo na fase da cultura de massas em comparação com a fase do liberalismo avançado é a exclusão do novo. A máquina gira sem sair do lugar. Ao mesmo tempo em que já determina o consumo, ela descarta o que ainda não foi experimentado porque é um risco. É com desconfiança que os cineastas consideram todo manuscrito que não se baseie, para tranquilidade sua, em um best-seller. Por isso é que se fala continuamente em *idea, novelty e surprise*, em algo que seria ao mesmo tempo familiar a todos sem ter jamais ocorrido. A seu serviço estão o ritmo e a dinâmica. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 126)

Outro pensador da Escola de Frankfurt, que se propôs a compreender como as artes se articulam com a Indústria Cultural emergente foi Walter Benjamin. Ao mesmo tempo em que o autor é muito crítico com relação à reprodutibilidade técnica³, ele não é tão radical quanto Adorno e Horkheimer. Benjamin (1978) destaca que com a xilografia, o desenho se tornou “tecnicamente reprodutível” pela primeira vez. Para ele, a obra de arte sempre foi reprodutível e imitável. O teórico defende que existem fatores positivos e negativos na produção dos meios de comunicação de massa. Dentre os negativos está a perda da autenticidade e, conseqüentemente, da aura. “O que faz com que uma coisa seja autêntica é tudo o que ela contém de originariamente transmissível, desde sua duração material até seu poder de testemunho histórico” (BENJAMIN, 1978, p. 213).

³ Para Benjamin (1978), a reprodutibilidade técnica consiste na capacidade de reproduzir em larga escala um determinado objeto.

Por outro lado, a reprodução técnica pode acentuar certos aspectos do original e colocar a cópia em situações antes inalcançáveis pelo original. “Poder-se-ia dizer, de modo geral, que as técnicas de reprodução destacam o objeto reproduzido do domínio da tradição. Multiplicando-lhe os exemplares, elas substituem por um fenômeno de massa um evento que não se produziu senão uma vez” (BENJAMIN, 1978, p. 213-214). Além disso, Benjamin (1978, p. 228-229) ressalta que existem manifestações artísticas que só são possíveis graças ao seu caráter reprodutível intrínseco, como é com o cinema:

Uma filmagem, sobretudo no caso de um filme falado, fornece um espetáculo que outrora não seria imaginável. Ela representa um conjunto de atividades que é impossível coordenar em alguma perspectiva sem que se imponha ao olhar tôdas as espécies de elementos estranhos, enquanto tais, ao desenrolar da ação: aparelhagens necessárias à tomada, iluminação, estado-maior dos assistentes, etc.

Percebe-se, com este breve recorte da compreensão sobre a arte, das discussões acerca da estética e do impacto da Indústria Cultural, com sua capacidade de reproduzir tecnicamente os mais diversos conteúdos, que a articulação entre a arte e a comunicação, mais especificamente o jornalismo, está presente nas bases teóricas sedimentadas e estas se mostram ainda atuais.⁴ Manovich (2001) ao tratar de objetos digitais, por exemplo, demarca que uma das características deles é a descrição numérica, que é a possibilidade de replicação idêntica, desde que a nova sequência mantenha a estrutura e a ordem original da primeira, em outras palavras, pode ser compreendida como a capacidade de reprodutibilidade técnica. Para Benjamin (1978), a obra de arte se assenta cada vez na reprodutibilidade. Acredita-se, aqui, que o mesmo poderia ser dito para os produtos jornalísticos no atual contexto digital.

36

4 JORNALISMO E ARTE

Episódios recentes, como o apagamento dos grafites em São Paulo⁵ e o cancelamento da exposição “Queermuseu”, em Porto Alegre⁶, reacenderam o debate sobre o que deve ser considerado arte e sobre quem poderia estabelecer essa valoração. Contudo, a arte não é algo que possa ser definido por um conceito fechado. Tampouco, é fácil explicar ou classificar o que é arte e o que não é. Giulio Carlo Argan (2013, p.42) afirma que: “A arte, que é modo de fazer e, inclusive, é ou quer ser

⁴ Ao relembrar o pensamento de autores da Escola de Frankfurt se reconhece a necessidade de uma leitura que a considere enquanto fruto de seu tempo e local, como adverte Renato Ortiz (2016). Embora, saliente-se, como observa o autor brasileiro, que as análises frankfurtianas têm “o mérito de desvendar as relações de poder onde normalmente se apresenta a cultura como expressão da democracia e da liberdade” (ORTIZ, 2016, p. 237).

⁵ Realizado no início da gestão do ex-prefeito e atual governador João Doria, em janeiro de 2017, como parte do programa São Paulo Cidade Linda.

⁶ Em outubro de 2017, a exposição “Queermuseu”, que estava em cartaz no Santander Cultural, foi cancelada após protestos de grupos conservadores. Os organizadores também enfrentaram dificuldades em outras cidades, como o Rio de Janeiro, onde teve sua exibição no Museu de Arte do Rio vetada pelo prefeito Marcelo Crivella. Na capital fluminense, a exposição entrou em cartaz na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, após decisão da 1ª vara da Infância, da Juventude e do Idoso que proibiu a entrada de menores de 14 anos.

modo perfeito de e exemplar do fazer”. Mas quem define se algo atingiu seu ápice, sua perfeição? Para Coli (2013), de acordo com nossa cultura, não são os próprios artistas, muito menos o público, que, muitas vezes, é leigo. O autor explica que “o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos de nossa cultura, dignificando os objetos sobre os quais ela recai” (COLI, 2013, p. 10). Deste modo, a definição do que vem, ou não, a ser arte é atribuída, principalmente, a quem carrega o chamado “discurso competente” para realizar tal avaliação. Dentre os detentores deste discurso estão: historiadores da arte, curadores de museus, *marchand* etc. Só que nem mesmo as avaliações desses profissionais habilitados e que carregam consigo as competências para definir o que vem a ser arte são uniformes. “A autoridade do discurso competente é forte, mas inconstante e contraditória, e não nos permite segurança no interior do universo das artes” (COLI, 2013, p. 23). Encontrar uma definição de arte consiste em uma tarefa inglória, visto que não admite resposta satisfatória (GOODMAN, 1976). Na perspectiva do historiador Ernst Gombrich (2009, p. 15), a concepção pode ser bastante diversa considerando o tempo e o lugar, de modo que, “nada existe realmente a que se possa dar o nome Arte”.

Assim, segundo o autor, como acontece com a linguagem, ninguém sabe ao certo o início da arte. A qualquer momento pode surgir uma descoberta que mude os parâmetros estabelecidos e indique novos caminhos e começos. Gombrich (2013, p. 21) aponta que: “De fato, aquilo que chamamos de Arte não existe. Existem apenas artistas (...). Com efeito, a Arte com A maiúsculo tornou-se como que um bicho-papão, ou um fetiche”.

O estudo histórico da Arte, com movimentos, artistas e obras, devidamente organizados em uma linha cronológica, não deixa de estar um tanto distante da realidade, pois é um equívoco interpretar as transformações ocorridas no mundo da arte como um progresso contínuo e interligado (GOMBRICH, 2013). Corre-se o risco, nestes casos, de se estabelecer conexões nem sempre verdadeiras ou se eclipsar dadas contribuições por não conseguir estabelecer vínculos entre elas e o que já está amplamente conhecido.

Ao mesmo tempo, reconstruir uma linha temporal do desenvolvimento da Arte é um esforço, sobretudo, didático. O mais importante, para o estudante, é perceber que a Arte não está desconectada do mundo em sentido mais amplo, ou seja, em termos econômicos, políticos e sociais. Como aponta Paulo Freire (1976, p. 135): “Não há contexto teórico verdadeiro a não ser em unidade dialética com o contexto concreto”. Um exemplo interessante pode ser encontrado nas ilustrações de Angelo Agostini para o jornal *Don Quixote*, editado entre 1895 e 1903, como apontam as análises da historiadora Rogéria de Ipanema (2015, p. 250):

A condição reprodutível da impressão litográfica do século XIX ofereceu às ideias a sociabilidade de uma arte participativa, que, estetizada pela sátira, proporcionou mais uma fonte de reflexão e discussão política, mediada pelas imagens da imprensa artística de humor.

O jornalista e pesquisador da Arte Moderna, Will Gompertz (2013, p. 17) aponta que:

Cada movimento, cada “ismo”, está intrincadamente conectado, um levando ao outro como os elos em uma corrente. Mas todos eles têm suas próprias abordagens individuais, estilos distintos e métodos de fazer arte, que são o ponto culminante de uma ampla variedade de influências: artísticas, políticas, sociais e tecnológicas.

Neste sentido, Argan (2005) ressalta que qualquer pessoa pode admirar uma obra de arte, mas isso não a torna uma linguagem universal compreensível a todos. Para o autor, “[...] cada um entende na medida da sua experiência dos fatos artísticos ou de seus conhecimentos de história da arte: tanto mais lúcida e profunda será a inteligência do fato isolado, quanto mais extensa for a rede de relações em que consegue situá-la” (ARGAN, 2005, p. 33-34). Estando o jornalismo diretamente conectado com as mudanças sociais nas mais diferentes esferas, o conhecimento da Arte e, mais especificamente, do seu desenvolvimento histórico, só adiciona criticidade ao profissional que trabalhará apresentando e comentando as diferentes manifestações artísticas.

5 A HISTÓRIA DA ARTE NOS CURSOS ANALISADOS

Para este artigo, analisou-se o Projeto Político-Pedagógico (PPP) de quatro cursos de Jornalismo que já passaram pelo processo de adequação às novas diretrizes. Como dito anteriormente, foram selecionados os PPP’s das seguintes instituições: Universidade Ceuma (MA), Faculdade Cásper Líbero (SP), Universidade Federal de Roraima (RR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (RS). A escolha se deu por critério de conveniência, considerando serem projetos que permitem apontamentos relevantes para a discussão aqui desenvolvida e tentando contemplar instituições públicas e privadas de diferentes regiões brasileiras. A partir desta coleta, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva com base nos documentos já mencionados, articulando com o que estabelecem as novas diretrizes.

A Universidade Ceuma é uma instituição privada, localizada no Maranhão, cujo curso de Jornalismo funciona em sua sede principal no bairro Renascença, na cidade de São Luís. A universidade começou suas atividades em abril de 1990, sendo o primeiro estabelecimento privado de ensino superior do Maranhão, ainda intitulada de Centro de Ensino Unificado do Maranhão (CEUMA), posteriormente, sendo transformada em universidade.

O PPP de Jornalismo da instituição traz em sua grade duas disciplinas voltadas para a arte: Arte, Estética e Mídia e História da Arte, que passou a existir a partir do novo projeto pedagógico elaborado para corresponder às novas DCN’s. A ementa da disciplina de História da Arte, que é o foco deste artigo, traz a seguinte descrição: “Conceituação da arte. Introdução à História da Arte. Contextualização das diversas manifestações das Artes Visuais ocidentais. Diferentes movimentos artísticos e suas articulações históricas” (UNICEUMA, 2018, p. 7). Percebe-se que o foco da disciplina será introdutório, para situar os estudantes sobre os principais movimentos e sobre o próprio conceito de arte (ou a ausência dele). Os livros relacionados na bibliografia também são introdutórios. Nota-se, aqui, um esforço de contemplar as principais discussões para que mais à frente na grade do curso, quando o discente for estudar a

disciplina Arte, Estética e Mídia e, conseqüentemente, aprofundar-se em uma discussão acerca da relação entre Arte e Cultura de Massa, tendo como base autores da Escola de Frankfurt, ele tenha menos dificuldades em compreender as discussões levantadas pelos teóricos alemães, por exemplo. No PPP anterior, com a inexistência da disciplina de História da Arte, os estudantes chegavam diretamente neste debate mais aprofundado sem antes ter acesso a esta base.

O curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Universidade Federal de Roraima (UFRR), por sua vez, foi criado em 1991. Com as novas diretrizes, aproxima o PPP ao modelo curricular proposto pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO). Segundo o projeto pedagógico da instituição:

O modelo curricular proposto pela entidade dispõe que o Jornalismo tem como objetivo primordial servir à sociedade, informando ao público, fiscalizando o exercício do poder, estimulando o debate democrático e, dessa forma, contribuindo para o desenvolvimento político, social, cultural e econômico de cada país. (UFRR, 2015, p. 7)

A instituição, ao realizar mudanças para readequar o curso às novas diretrizes, suprimiu a importância da disciplina de História da Arte em sua grade curricular. No PPP anterior às novas DCN's, a disciplina aparece na grade normal como COM22 – História da Arte. A partir da implantação do novo currículo, a disciplina passa a figurar dentre as possibilidades de optativas, sendo identificada como JOR55 – Optativa I. O projeto pedagógico do curso traz a seguinte explicação de funcionamento da mudança:

Nas disciplinas JOR55 e JOR65 poderão figurar ainda, conforme matriz de equivalências, conteúdos relacionados com disciplinas antes ofertadas – por exemplo: História da Arte; Psicologia Social; Tópico Especial em Comunicação; Jornalismo Aplicado II, Semiótica das Mídias, Laboratório de Estágio, entre outros. (UFRR, 2015, p. 23)

Percebe-se, com isto, que a disciplina de História da Arte perde um pouco a sua importância neste projeto pedagógico. Se antes ela era uma disciplina que figurava de forma fixa na grade, agora, passou a ser uma das possibilidades a ser ofertada enquanto disciplina optativa. O que acaba por diminuir parte da relevância do eixo de humanidades estabelecido pelas novas diretrizes. Tal eixo fica, então, representado de forma fixa apenas pelas disciplinas de CS100 – Introdução à Sociologia, CS110 – Introdução à Filosofia, CS130 – Introdução à Ciência Política, e CAN01– Introdução à Antropologia.

A Faculdade Cásper Líbero foi criada no dia 16 de maio de 1947, idealizada pelo jornalista e empresário da comunicação que deu nome à instituição, e é pioneira no ensino superior de Jornalismo no país, que iniciou neste mesmo ano com a abertura do curso. Em 1972, por determinação legal, transformou-se em Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, passando a oferecer, também, os cursos de Relações Públicas e Publicidade e Propaganda.

O PPP do curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero lista as seguintes disciplinas como pertencentes ao eixo de fundamentação humanística: Filosofia, História da Arte, Antropologia, Economia, Ciência Política, Sociologia, História Contemporânea, Realidade Sócio Econômica e Política, História do Brasil Contemporâneo, Cultura Brasileira. A disciplina de História da Arte possui a carga horária de 60h e integra a grade do segundo período do curso. Em sua ementa destaca o caráter expressivo da arte, enquanto uma criação humana e, portanto, condizente com o momento histórico em que faz parte. Assim como na Universidade Ceuma, privilegia-se o desenvolvimento histórico da arte no ocidente, embora, aqui, a ementa traga uma menção ao estabelecimento de um vínculo direto com a área de Jornalismo.

A disciplina busca oferecer também elementos conceituais para que o aluno possa compreender a relação da arte e o homem; entender a obra de arte como reflexo do momento histórico em que foi produzida, identificar e caracterizar as diferenças estilísticas e formais entre os períodos e, por fim, aplicar o conteúdo no exercício do ofício de jornalista. (CÁSPER LÍBERO, 2016, p. 65)

Outra semelhança com a universidade nordestina é a utilização do livro “A História da Arte”, de E. H. Gombrich, mas que, aqui, aparece como bibliografia básica e não complementar. Ainda com relação à bibliografia da disciplina, traz textos elementares como o livro “História da Arte”, da Graça Proença, muito utilizado, inclusive, no Ensino Médio.

Por fim, a Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi criada no dia 1º de setembro de 1970. Antes do estabelecimento das novas diretrizes, o curso era intitulado Comunicação Social – Jornalismo. Com as novas DCN’s, passou a se chamar apenas Jornalismo.

No novo PPP do curso, existe uma variedade de disciplinas que oferecem o conteúdo de História da Arte em suas respectivas ementas, dentre elas: Arte e Cultura Visual, Arte e Arqueologia, História da Arte Ameríndia, História da Arte Popular Brasileira, Seminário de Arte Contemporânea, Seminário de Cinema e Vídeo, Seminário de História da Arte Asiática e Seminário de História da Arte do Islã e do Mundo Árabe.

Percebe-se que, diferentemente da Universidade Ceuma e da Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, a UFRGS não aborda apenas uma visão eurocêntrica e ocidental da História da Arte. A instituição possibilita aprofundar a discussão do cânone ao apresentar em suas disciplinas a referência oriental. No entanto, nota-se a inexistência de uma disciplina de História da Arte que aborde as produções do continente africano. Além disso, vale ressaltar que, assim como a UFRR, a UFRGS não traz nenhuma dessas disciplinas na sua grade obrigatória, todas são optativas, limitando, assim, a possibilidade do estudante ter acesso a este conteúdo se compararmos com disciplinas que fazem parte da grade regular do curso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação das disciplinas anteriormente comentadas objetivou uma aproximação do atual cenário da inserção da arte no ensino do Jornalismo. Foi possível

identificar que não há um padrão para a presença da disciplina na grade. Em uma instituição analisada, por exemplo, História da Arte deixa de ser uma disciplina obrigatória para ser optativa. Em outra, a disciplina, que antes sequer fazia parte da grade curricular, passou a integrar o conjunto de disciplinas obrigatórias, após a aprovação das diretrizes. Isto permite apontar diferentes olhares com relação à importância da formação cultural frente aos demais conteúdos, indicando a pluralidade de compreensões quando o assunto é História da Arte no ensino do Jornalismo.

Além disso, percebe-se que o estabelecimento das novas diretrizes e fortalecimento de uma dimensão humanística no curso foi interpretado de maneiras distintas pelas instituições analisadas. Outra observação a ser feita é a predominância de uma visão eurocêntrica e ocidental quando se aborda esta disciplina, com relação aos cursos analisados. Embora, já seja possível perceber que existem cursos que concebem a História da Arte para além dessas fronteiras, salienta-se a necessidade de fomentar a inserção geográfica e a valorização da cultura regional, com a ampliação de referências que contemplem as expressões artísticas nacionais. Aponta-se, também, a necessidade de abordar a História da Arte Africana, principalmente, devido às fortes influências na cultura brasileira como um todo.

Com este artigo, almeja-se reforçar a relevância de tal conteúdo na formação dos futuros jornalistas, considerando, principalmente, a presença de um eixo humanístico nas novas Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Jornalismo. Sabe-se, no entanto, que tais inferências se restringem ao *corpus* analisado, não permitindo um panorama mais amplo, ainda que tenha sido feita uma varredura inicial nos projetos político-pedagógicos (PPP's) de vários outros cursos.

Buscou-se apresentar, a partir dessa reflexão, as possibilidades que o estudo da História da Arte em sua dimensão mais ampla traz para os estudantes, tendo em vista ser esse um conteúdo que convida ao aprimoramento de um olhar contemplativo, mas, também, crítico. Pelas vias do simbólico, a arte oferta ao jornalismo uma dimensão sensível de compreensão do mundo e da sociedade, ao tempo em que apresenta vias de conexão entre esses distintos modos de resignificação da realidade.

Por fim, demarca-se que tal análise abre espaço para pesquisas futuras que podem se aprofundar, ampliando a dimensão educacional para além dos PPP's dos cursos, tendo em vista que o processo ensino-aprendizagem ultrapassa as informações contidas nesses documentos. Fiore Ferrari e Leymonié Sáen (2007) explicam que a didática compreende três dimensões distintas: o estudante, os saberes culturais e o docente. Em pesquisas futuras, contemplar tais dimensões poderá enriquecer a análise iniciada neste artigo. Assim como a inclusão de outras perspectivas, desenvolvendo, por exemplo, o diálogo com questões que vem sendo trabalhadas pelos estudos de gênero, como a representação e a presença das mulheres na História da Arte.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **A dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

BATISTTI, Taíze dos Santos et al. Dialogando com Ana Mae Barbosa sobre Arte. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 11, n. 1, p.343-349, mai. 2016. Fundação Universidade Regional de Blumenau. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4680/3287>>. Acesso em: 20 abr. 2019.

BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, Dec. 1989. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2019.

_____. **Teoria e prática da educação artística**. São Paulo: Cultrix, 1975.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 8 out. 2017.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: **Teoria da Cultura de Massa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 221-254.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

FACULDADE CASPER LÍBERO. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Jornalismo**. São Paulo: Cásper Líbero, 2016.

FIORE FERRARI, Eduardo; LEYMONIÉ SÁEN, Julia. **Didáctica Práctica para enseñanza media y superior**. Montevideú: Magro, 2007.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GOODMAN, Nelson. **Languages of art**. an approach to a theory of symbols. 2.ed. Indianapolis: Hackett, 1976.

GOMBRICH, Ernst H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOMPERTZ, Will. **Isso é Arte?** 150 anos da Arte Moderna do Impressionismo até hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

IPANEMA, Rogéria de. Arte, imagem, história: os usos políticos e sociais da arte em Angelo Agostini. In: KNAUSS, P; MALTA, M. (Orgs.). **Objetos do olhar: história e arte**. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015, p. 247-261.

MANOVICH, L. **The language of new media**. Massachusetts: Mit Press, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. As diretrizes críticas e a crítica das Diretrizes: o “conflito das faculdades” na área acadêmica de Comunicação. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação. v. 3, n. 5, p. 22-26, jan/jun 2015.

_____; AYRES, Melina de la Barrera; BETTI, Juliana Gobbi; BARCELOS, Marcelo (Orgs.). **O ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes**: miradas sobre projetos em implantação. ed. 1. Florianópolis, SC: Insular, 2018.

ORTIZ, Renato. A Escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Sociologia em Rede**, vol. 6 num. 6, 2016. Disponível em: <<https://redelp.net/revistas/index.php/rsr/article/view/468/415>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

UNIVERSIDADE CEUMA. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Jornalismo**. São Luís: Uniceuma, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA. **Projeto Político-Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Boa Vista: UFRR, 2015.